

João Carlos Brigola

**Coleccionismo e ‘anticomania’ - a actividade museológica  
de Frei Manuel do Cenáculo (1750-1814)**

Separata do Boletim *A Cidade de Évora*, II Série, N.º4, Évora, 2000.

## **Coleccionismo e ‘anticomania’ - a actividade museológica de Frei Manuel do Cenáculo (1750-1814)**

**João Carlos Brigola\***

### **Resumo:**

*Frei Manuel do Cenáculo foi, como nenhum outro coleccionador português do seu tempo, o anticómano erudito cuja formação intelectual e prática pedagógica o habilitava a cultivar com igual empenho e competência os dois pólos da curiosidade antiquária e arqueológica. O primeiro, o pólo nacional, buscava a memória antiga do ‘Reino de Portugal’ documentada nos vestígios dos povos ‘antepassados’ e dos tempos medievo e renascentista. O outro pólo – o clássico – inseria-se numa tendência cultural que começara a despontar na primeira metade do século XVIII. Esta voga enformou a atitude das elites europeias em relação ao passado, passando-se a partilhar à escala do continente – graças a esta tendência classizante – uma mesma representação da história e um mesmo gosto. Cenáculo, aos vinte e seis anos, viajara até Roma recolhendo dessa experiência primordial a marca duradoura das suas opções intelectuais, de sensibilidade, de gosto e de filosofia. Em digressão pelos grandes monumentos da cultura setecentista – universidades, bibliotecas e museus – elaborará o núcleo fundamental do seu ideário.*

**Palavras-chave:** *Frei Manuel do Cenáculo. Coleccionismo. Museu de Beja. Museu de Évora. Antiguidade Clássica. Arqueologia. Epigrafia. Numismática. Filosofia Natural.*

### **Abstract:**

*Friar Manuel do Cenáculo was a singular figure of his time, a keen collector and Portuguese scholar whose academic training and pedagogic experience qualified him for cultivating with equal diligence and competence the two avenues which existed for channelling the desire for knowledge about antiques and archaeology. The first of these led him in search of the memory of the Kingdom of Portugal of old, documented by remains left by peoples who were regarded as the ‘ancestors’ of the nation and those from medieval and Renaissance times. At the same time, curiosity about the classical world was part of a cultural trend which had begun in the first half of the 18<sup>th</sup> century; this was a fashion which shaped the attitudes of European elites towards the past, and there was a tendency for a shared representation of history and shared tastes. Cenáculo’s journey to Rome at the age of twenty-six furnished him with invaluable experience which had a lasting influence on the development of his intellect, sensibility, taste and philosophy. Later, touring the great monuments of 17<sup>th</sup>-century culture – the universities, libraries and museums – he would elaborate the fundamental core of his ideas.*

---

\*Centro de Estudos de História e Filosofia das ciências (CEHFC) da Universidade de Évora.

1. O conteúdo de uma carta recebida por frei Manuel do Cenáculo em 1771, e remetida por frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar<sup>1</sup> - agindo como seu procurador na aquisição de espécimes numismáticos na região minhota -, bem que poderia resumir o sentido de boa parte da correspondência que lhe era dirigida e que documenta, quase até à exaustão, a paixão colecionista pelas 'antiguidades': "(...) andei por estas vilas vizinhas, [de Caminha e de Valença do Minho] e procurei com toda a eficacia as 150 medalhas de cobre, e 10 de prata, q. a V. Ex.<sup>a</sup> por meu Mestre remeto. Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> a pouquidade, q. eu prometo demandar mais; o q. me seria mais facil senão ouvesse Caldeireiros<sup>2</sup> e mais (...) como v.g. o muzeu do Arcb.<sup>o</sup> de Braga<sup>3</sup>. Muitas se podem ler sem microscópio, e algumas de nenhua sorte, por estarem rosadas; motivo porq. as não quis limpar mais (...)"<sup>4</sup>.

Apesar da figura de Cenáculo se apresentar hoje aos nossos olhos como um dos colecionadores setecentistas mais mencionados certo é que dele fica ainda por fazer um estudo de conjunto - estríbado na rara circunstância de sobrarem as fontes documentais de forte ressonância museológica - que contribuisse para o melhor entendimento de uma actividade que Francis Haskell apelidou de "un des traits majeurs de la civilisation au sens plus large"<sup>5</sup>. Por isso, nesta sedutora perspectiva, encontra-se em aberto um programa de investigação que - adoptando como tema o estudo-caso de personagens que reuniram, amaram, e estudaram antiguidades - nos esclareça sobre as imensas e complexas implicações da actividade colecionista na história da cultura ocidental.

Porque o arcebispo de Évora foi antes do mais - como nenhum outro colecionador português do seu tempo - o *anticómano* erudito cuja formação intelectual e prática pedagógica como hebraísta, orientalista, numismata, paleógrafo, exegeta<sup>6</sup> o habilitava a cultivar com igual empenho e competência os dois pólos da curiosidade antiquária e arqueológica<sup>7</sup>. O primeiro, o pólo *nacional*, radicava numa tradição historiográfica - já presente no *Alvará sobre a conservação de monumentos antigos (1721)* e na actividade da joanina Academia Real da História Portuguesa - que buscava a memória antiga do 'Reyno de Portugal' documentada nos vestígios epigráficos, arquitectónicos, escultóricos, medalhísticos e numismáticos dos povos 'antepassados' e dos tempos medievo e renascentista.

O outro pólo - o *clássico* - inseria-se numa tendência cultural que começara a despontar na primeira metade do século e a que não terão sido estranhas as escavações nas necrópoles etruscas, e nas cidades romanas de Herculano e Pompeia. O alemão Winckelmann (1717-1761), na sequência da observação das colecções do Eleitor do Saxe que incluíam estátuas de Agripina e três vestais provenientes de Herculano, publicara em 1755 as suas *Reflexões sobre a imitação dos artistas gregos na pintura e na escultura*. Já em Itália, contratado como 'prefeito das antiguidades do Vaticano', visita assiduamente as duas cidades vesuvianas e consegue reunir as provas que fundamentavam as suas teorias sobre a influência grega na arte romana, publicando em 1764 a *História das Artes na Antiguidade*<sup>8</sup>. A obra de Winckelmann marca uma ruptura em todo o sentido colecionista europeu, demonstrando que a perfeição original de beleza artística era proveniente da civilização grega.

Irrrompe assim, como uma 'mania', o culto da Antiguidade, legitimando as pesquisas dos sábios (bem como a imitação dos seus testemunhos pelos artistas) e conduzindo as gentes de fortuna a visitar a Itália e a Grécia, e a despender imensas somas para formar colecções de estátuas antigas, bustos, lápides, moedas, vasos etc. Esta voga, também alargada ao espólio egípcio<sup>9</sup>, enformou a atitude das elites europeias em relação ao passado, passando-se a partilhar à escala do continente - graças a esta tendência classizante - uma

Cenáculo em 1771, e remetida seu procurador na aquisição de 100 medallas de cobre, e 10 de ouro. A pouquidade, q. eu prometo dar-lhe mais (...)"<sup>4</sup>.

Os nossos olhos como um dos que dele fica ainda por fazer um estudo das fontes documentais de melhor entendimento de uma obra de la civilisation au sens de la-se em aberto um programa de de personagens que reuniram, e suas complexas implicações

Em nenhum outro coleccionador a formação intelectual e prática de um grafista, exegeta<sup>6</sup> o habilitava a obra da curiosidade antiquária e na tradição historiográfica - já presentes em *Estudos* (1721) e na actividade da obra a memória antiga do 'Reyno de Portugal' architectónicos, escultóricos, e dos tempos medioevo e

natural que começara a despontar nas escavações nas necrópoles de Winckelmann (1717-1773) do Saxe que incluíam estátuas e em 1755 as suas *Reflexões sobre a Arte da Escultura*. Já em Itália, contratado sucessivamente as duas cidades defendiam as suas teorias sobre a História das Artes na Antiguidade no sentido coleccionista europeu, era proveniente da civilização

de arte, legitimando as pesquisas (feitas pelos artistas) e conduzindo as obras de arte imensas somas para formar vasos etc. Esta voga, também europeias em relação ao passado, era uma tendência classizante - uma

mesma representação da história e um mesmo gosto - "À ce titre, il est une composante essentielle de la seconde unification culturelle européenne que parachève notamment la diffusion dans tous les pays de l'art néo-classique et la sécularisation de la morale des élites qui semblent attacher aux exemples des vertus romaines une valeur bien plus grande qu'à ceux, chrétiens, de la santeté"<sup>10</sup>.

Que Cenáculo tenha dado guarida nas suas colecções - ainda que em menor grau - a outras tipologias (de história natural e de arte, principalmente) não pode questionar esta linha de interpretação mas, isso sim, sublinhar a dimensão compósita que se encontra em qualquer outro coleccionador privado seu coetâneo e que correspondia, aliás, à visão do *Museo* como local ideal de (re)unificação dos saberes, 'microcosmos, espelho da criatividade divina'<sup>11</sup>.

Concepção presente na *Oração* (1791), texto atribuído a frei José de São Lourenço do Vale mas que - revisto e anotado pelo bispo - expressa bem o pensamento museológico cenaculano: "Todas estas grandezas se comprehendem no Museo, e não direi q.e o seu estudo he somente o conhecimento da Fisica natural, dos saes, sucos oleosos, pedras, petrificações, christaes, mineraes, metaes, plantas e todas as mais produções maravilhosas da natureza: eu me esqueço de todos estes magnificos objectos, ou melhor eu os ajunto todos num. O estudo do Museo he o estudo de todas as sciencias, para conhecermos a Deos e sua religião. (...) Em hum Museo há hua sciencia q.e encerra todas as outras. (...) He hum labyrintho de encanto em que a razão se acha e a alma se illustra, e a religião triunfa"<sup>12</sup>.

Fora um jovem de vinte e seis anos aquele que ao dobrar do século viajara até Roma, recolhendo dessa experiência primordial a marca duradoura das suas opções intelectuais, de sensibilidade, de gosto e de filosofia. Em digressão pelos grandes monumentos da cultura setecentista de Espanha, França e Itália - universidades, bibliotecas e museus - elaborará o núcleo fundamental do seu ideário<sup>13</sup>, como muitos anos depois ainda recordará: "A viagem a Roma em o anno de cincoenta [...] me fará sempre apregoar em quaequer ramos de litteratura, que foi uma disposição efficacissima para o bem das lettras na Provincia. As famosas Bibliothecas, que se representarão à nossa curiosidade nas cidades eruditas da nossa passagem, levantarão milhares de idéas que se começarão a produzir, como o tempo hia permitindo"<sup>14</sup>.

Depois, durante mais de duas décadas - entre 1755 e 1777 - enquanto vai ocupando os mais elevados cargos na burocracia de Estado pombalina e na hierarquia eclesiástica<sup>15</sup>, reúne no Convento de Nossa Senhora de Jesus objectos de predilecção predominantemente antiquária (entre eles o medalheiro catalogado por frei Vicente Salgado e frei Sebastián Sánchez<sup>16</sup>), e as primeiras telas de pinacoteca abundante mas de valor intrínseco muito variável<sup>17</sup>.

2. Já na Diocese de Beja - a ocupar finalmente a cadeira episcopal criada em 1770 - alargará o afã coleccionista aos espécimens dos três reinos da natureza, alimentando um hibridismo de gosto que deixará perplexos alguns dos seus colectores menos tocados pela dominante *philosophia natural*, como é perceptível em carta do arabista frei João de Sousa Damasceno (1734-1812): "Restame saber, se V. Ex.<sup>a</sup> faz Collecção de Conchas e outros mariscos; Cobras, peixes conservados na mesma pelle, e outros animaes; como tambem huma pequena crianca conservada em spirito de vinho, para os remeter com o mais, que são alguns mineraes, petrificações, cristalizações, e Medalhas: Estas com os mineraes, e petreficações veem cada couza embrulhada em seu papel e explicada. (...) "<sup>18</sup>.

Estende mesmo ao Real Museu de História Natural da Ajuda o seu interesse por este

tipo de aquisições obtendo, através do empenho do sobrinho Francisco José Maria de Brito <sup>19</sup> junto de Vandelli, “nove caixoes” com duplicados de “produções naturais”, incluindo alguns diamantes <sup>20</sup>.

O relacionamento com naturalistas estrangeiros também se encontra bem documentado no epistolário cenaculano <sup>21</sup>, chegando a receber no Alentejo - a pedido do aristocrata Alexandre de Sousa Holstein <sup>22</sup> - a visita do famoso mineralogista dinamarquês Abildgaard, hospitalidade que será recompensada com a oferta de “hum Pacote de Livros” q. o Professor Abilgaard [sic] (...) enviou de Copenhague para V. Ex.<sup>a</sup> <sup>23</sup>.

Há ainda o curioso caso de um alemão - de nome André Frederico - apresentado por João de Sousa como “naturalista”, mas cujo perfil o situa entre o viajante-aventureiro, o mineralogista-amador e o *marchand* de ‘produções da Natureza e da Arte’, comercializando uma miscelânea de objectos que podia ir da escolhida colecção de ‘pedras’ às ‘sagradas relíquias’. Já em tempos tinha sido fornecedor de Cenáculo, no convento lisboeta <sup>24</sup>, e esperava retomar um frutuoso comércio oferecendo agora ao bispo de Beja: “Alem dos Mineraes, Pedras preziosas, Caixas p.<sup>a</sup> tabaco de pedras, m.tas Medalhas antigas, e maior parte do Egipto, tras huma reliquia da Varonica do Senhor, p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup> e diz que a elle custara outenta sequinos que fazem 130 000 reis, e que faz gosto que V. Ex.<sup>a</sup> fique com ella, e pelo mesmo custo, e que para outra pessoa não a dava por este preço (...)” <sup>25</sup>.

Pese embora o tributo assim pago à retórica museológica naturalista (para além dos nunca interrompidos investimentos em espécies pictóricas), o melhor da energia criativa de Cenáculo dirigir-se-á - durante os quase trinta anos em que pastoreou a Diocese pacense (1777-1802) - para a descoberta e estudo da cultura material ‘antiga’. E, se não publicou coisa alguma sobre epigrafia, o seu contributo científico não terá sido despiciendo já que - como fez notar o arqueólogo alemão Emílio Hubner <sup>26</sup> - coligiu as antiguidades dispersas e esquecidas nesta parte do território nacional <sup>27</sup>, deixando úteis referências e informações nos *Cuidados Literários* (1791) e no caderno com desenhos e notas intitulado *Santo Sizenando. Beja Sua Patria* (1800) <sup>28</sup>, ainda selectivamente utilizados em finais de oitocentos por Estácio da Veiga <sup>29</sup>.

Datam da década de oitenta alguns testemunhos de eruditos nacionais e estrangeiros que visitavam o Gabinete do Paço episcopal - local onde, até 1791, se iam acumulando os objectos provenientes desta incessante actividade arqueológica e colecionista - e se compraziam com as ‘notícias’ prometidas pelas recolhas cenaculanas. Frei Vicente Salgado ao compor as *Memorias ecclesiasticas do Reino do Algarve* dedica-as justamente ao labor intelectual do bispo de Beja e recorda que vira no gabinete pacense uma “Medalha da Ossobona (...) Entre as muitas curiosidades, que [Cenáculo] tem ajuntado das vizinhanças daquela Cidade [Beja]”. Aproveita a referência para ajuntar, em nota, um rasgado elogio ao seu Mestre inspirador: “Nunca será assás louvado o zelo, e affecto deste sabio, e erudito Prelado ás Antiguidades, e bellas Artes. Os seus vigilantes cuidados nesta illustração scientifica não tem sido infructiferos. Além de muitas preciosidades Romanas, de que sujeito habil fará a descripção, eu vou sómente lembrar os dignos monumentos, que este anno de 1783, lhe descubrio o mero acaso” <sup>30</sup>.

Nesse mesmo ano, coligindo textos sobre as antiguidades de Évora da autoria de eruditos quinhentistas e seiscentistas, o professor de *philosophia racional* Bento José de Sousa Farinha (m. 1820) estabelece significativa afinidade de interesses entre o humanista André de Resende (1500-1573) - que recolhera nas “suas cazas” vestígios materiais ‘antigos’ - e o bispo setecentista que ostentava uma das ‘pedras’ deste espólio renascentista no seu Gabinete, assim acentuando a pertença comum à tradição clássica: “Vi já nos Paços do

inho Francisco José Maria de  
dos de “produções naturais”,

se encontra bem documentado  
itejo - a pedido do aristocrata  
gista dinamarquês Abildgaard,  
Pacote de Livros” q. o Profes-  
a “ 23.

é Frederico - apresentado por  
entre o viajante-aventureiro, o  
eza e da Arte’, comercializando  
ecção de ‘pedras’ às ‘sagradas  
ilo, no convento lisboeta 24, e  
o bispo de Beja: “Alem dos  
tas Medalhas antigas, e maior  
or, p.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup> e diz que a elle  
z gosto que V. Ex.<sup>a</sup> fique com  
va por este preço (...)” 25.

ica naturalista (para além dos  
, o melhor da energia criativa  
e pastoreou a Diocese pacense  
ial ‘antiga’. E, se não publicou  
ão terá sido despiciendo já que  
olgiu as antiguidades dispersas  
úteis referências e informações  
nhos e notas intitulado *Santo*  
mente utilizados em finais de

os nacionais e estrangeiros que  
1791, se iam acumulando os  
ológica e coleccionista - e se  
aculanas. Frei Vicente Salgado  
dedica-as justamente ao labor  
ete pacense uma “Medalha da  
] tem ajuntado das vizinhanças  
ar, em nota, um rasgado elogio  
, e affecto deste sabio, e erudito  
ites cuidados nesta illustração  
reciosidades Romanas, de que  
; dignos monumentos, que este

de Évora da autoria de eruditos  
*racional* Bento José de Sousa  
resses entre o humanista André  
vestigios materiais ‘antigos’ - e  
e espólio renascentista no seu  
o clássica: “Vi já nos Paços do

Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de Beja esta pedra [do séc. VI ] servindose este muy sabio Prelado por sua muita humanidade de me mostrar outros letreiros, moimentos, idolos, architecturas, alvanarias, urnas, medalhas, e muitas outras peças Romanas de seu Gabinete e Galeria” 31.

De dois viajantes estrangeiros - o eclesiástico espanhol F. Pérez Bayer (1782) 32 e o arquitecto irlandês James Murphy (1790) 33 - chegaram-nos também descrições e desenhos das colecções pacenses que, mais do que carregarem dados novos, servem sobretudo como ilustração dos laços culturais mantidos por Cenáculo com sábios e coleccionadores europeus.

É a este propósito muito revelador o comentário que o sobrinho de Cenáculo faz, a partir de Paris, da tradução francesa da obra de Murphy e da importância que ela poderia desempenhar na divulgação do património histórico-cultural da diocese “(...)Tomo a liberdade de oferecer a *Viagem* de Murphy traduzida, e com tanto mais gosto que nela se achão insculpidas algumas antiguidades da colleção de V. Ex.<sup>a</sup>; bom será que este exemplo desperte a curiosidade, e o dezejo de buscar, de colligir, e de estampar as preciosidades literarias. Em Pariz conheci, e tratei hum homem mui erudito chamado Millin, o conservador da Bibliotheca Nacional que se propoz colligir, e publicar a colleção de todos os monumentos da arte antiga e moderna que escaparaõ ao vandalismo revolucionário, e se achão agora dispersos (...) Sinto que Murphy omitisse, ou não houvesse noticia de boas couzas que podia retirar dessa Cidade, e da dioceze de V. Ex.<sup>a</sup>, mas em quanto v. Ex.<sup>a</sup> não publica a sua colleção, podiaõse ao menos inserir pequenos extractos, e ainda reflexoens sobre o que Murphy escreveu, as quaes de boa vontade Millin publicaria no seu Jornal literario, de que remeto a V. Ex.<sup>a</sup> hum caderno. Parece-me este meio não sò facil, mas conveniente para capacitarmos os estrangeiros que sendo reaes suas obras, hà em Portugal quem as avalie, e que o silencio dos nossos prelos não provem da falta de applicação, ou de aproveitamento literario (...)” 34.

Quando no final do ano de 1800, depois de ter visitado o Alentejo, o académico galego José Cornide y Saavedra escreve ao bispo de Beja deixando simpáticas referências ao emblemático ‘Templo de Diana’ eborense e ao “precioso Museo de V. Ex.<sup>a</sup>” 35, já o acervo cenaculano tinha saído do Gabinete da Sé para se expor publicamente na vizinha igreja de S. Sisenando, com inauguração solene a 15 de Março de 1791.

Que o pretexto próximo para a deslocação física dos objectos (colecção numismática de cerca de sete mil exemplares 36, cento e sessenta lápides, cipos, colunas e fragmentos de escultura e de arquitectura, assim como uma série de inscrições da Idade Média e Moderna, além de espécimens naturais 37) tenha sido a circunstância de, volumosos e pesados, exigirem depósito mais espaçoso, não pode questionar a dimensão sentimental, histórica e didáctica que o bispo de Beja quis transmitir ao novel *Museu Sisenando Cenaculano Pacense*: “O estudo do Museo he hua disposição para qualquer homem ser completamente Sabio. Hua raridade deve preparar o animo p.<sup>a</sup> outra raridade. Hera preciso q.e o Ex.mo Sr. Bispo de Beja, de quem somos fortunados subditos, preparasse hum Museo p.<sup>a</sup> ver nascer ingenhos raros deste fecundo paiz. (...) Ele he quem primeiro faz com groças despezas transportar das trez partes do mundo desconhecidas curiosidades, busca raridades da natureza nas entranhas da terra, e ajunta toda a antiguidade dos mais remotos seculos (...) = Eu vos offreço hum rico Museo p.a q.e tambem estudeis nelle, meo disvello merece o vosso reconhecimento. = Eis aqui aquellas coizas que estavam no meio de vós, e q.e vós não conheceis, he hua luz de conhecimentos e de saber. Essas pedras quebradas, dinheiros pizados, letras desconhecidas, e peças desenterradas são preciosos meios q.e conhecendo-

os vós sabereis o muito q.e se ignora”<sup>38</sup>.

O epistolário continua entretanto a testemunhar uma intensa actividade colecionista durante os últimos anos passados na Diocese alentejana, podendo servir de exemplo as cartas que lhe são endereçadas uma, em 1792, por João José Pinto Vasconcelos<sup>39</sup> - sugerindo-lhe a compra de uma colecção de cento e vinte e seis medalhas grega e romanas, além de “hua concha do Malabar q. levará bons dois barriz de agoa, de cor cinzento azulado”<sup>40</sup> - e, outra, em 1796, de Manuel de Vilhena Mouzinho que, de Madrid, lhe envia raridades artísticas e antiguidades: “un caxoncinho, que levava huma fermoza Bacanta y tres cabezas de Imperadores de marmol antiguas, un canudo de folha de Flandrez com pa.te de hua carta de S. Fran.co Xavier”<sup>41</sup>.

3. A morte do arcebispo de Évora, D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, ocasionará a eleição de D. Manuel do Cenáculo Vilas Boas como seu sucessor, em Março de 1802. Ao ocupar o Paço arquiiepiscopal, trará consigo os tesouros mais valiosos do seu universo colecionista, não só os que mantinha no Gabinete particular na Sé de Beja, como igualmente tudo o que conseguiu deslocar da igreja de S. Sisenando<sup>42</sup>. O que é forçoso concluir deste facto é que a natureza ‘pública’ do *Museu Sisenando* - tão incensada na *Oração*<sup>43</sup> - não implicara afinal a propriedade plena por parte da Diocese (ou de qualquer outra instituição da cidade), mas tão só a permissão episcopal à fruição colectiva dos objectos exibidos enquanto ali durasse a presença do bispo<sup>44</sup>.

Três anos depois, em Évora, Cenáculo tinha já concluído a tarefa de reorganização da livraria e do museu, acomodados em edifício vizinho do Paço, no primitivo Colégio dos Meninos do Coro da Sé<sup>45</sup>. Quais seriam as colecções depositadas neste novo espaço museal, inaugurado em Março de 1805<sup>46</sup>, sabemos-lo pela pena do secretário da Academia das Ciências, Aragão Morato, ao traçar o elogio póstumo do ilustre consócio: “uma Colecção de muitas pinturas (...) sendo muitas de grande estimação, por serem veras efigies de personagens ilustres; uma Colecção de raridades históricas, naturais e artificiais; uma numerosa e rica colecção de medalhas de todos os metais, romanas, portuguesas, e de outras nações: a qual seria mais copiosa, se não houvesse sido em grande parte roubada pelo exercício inimigo na invasão de Évora”<sup>47</sup>.

Também na cidade alentejana se fez sentir a violência dos exércitos invasores quando nos três últimos dias de Julho de 1808 - do saque generalizado perpetrado pelas tropas do general Loison foi vítima maior o Paço arquiiepiscopal, tendo sido roubados ou destruídos alguns dos objectos mais valiosos do Museu, incluindo grande parte do monetário<sup>48</sup>.

No termo de um vida longa de quase noventa anos, Cenáculo terá ainda o fulgor de uma decisão notável ao fazer perpétua doacção da Livraria Eclesiástica Pública, e do seu Museu, à Igreja Metropolitana de Évora. Deste modo, a provisão e estatutos da nova instituição cultural eborense (dados a 21 de Setembro de 1811<sup>49</sup>) ao disporem o espólio cenaculano ao “uso e ilustração do seu Clero e dos povos daquela Diocese e Província”, asseguravam a continuidade patrimonial das colecções e garantiam o carácter público e permanente do seu usufruto<sup>50</sup>.

ANEXO

- intensa actividade colecionista  
podendo servir de exemplo as  
José Pinto Vasconcelos <sup>39</sup> -  
seis medalhas grega e romanas,  
e agoa, de cor cinzento azulado”  
de Madrid, lhe envia raridades  
fermoza Bacanta y tres cabezas  
de Flandrez com pa.te de hua
- Biblioteca Pública de Évora
- [Frei Manuel do Cenáculo], *Diario do R. mo P. D. Fr. Joaquim de S. José na jornada q.e fez ao Cap.º G.al de Roma em 1750 (12 de Fevereiro a 19 de Julho de 1750)*, CV/1-10 d.  
- *Carta do Barão de Hupsch a Frei Manuel do Cenáculo (17 de Julho de 1771)*, CXXVII/1-4, Carta 566  
- *Carta de Frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Julho de 1771)*, CXXVII/1-4, Carta 625  
- *Carta de Nicolao Pagliarini a Frei Manuel do Cenáculo (7 de Janeiro de 1775)*, CXXVIII/1-13, Carta 4215
- Botelho de Lima, ocasionará a  
cessor, em Março de 1802. Ao  
mais valiosos do seu universo  
na Sé de Beja, como igualmente  
O que é forçoso concluir deste  
incensada na *Oração* <sup>43</sup> - não  
ou de qualquer outra instituição  
lectiva dos objectos exibidos
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo(s/d)*, CXXVII/1-12, “*Cartas Archeologicas*”, fl. 55  
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo(s/d)*, CXXVII/1-12, “*Cartas Archeologicas*”, fl. 13  
- *Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (3 de Setembro de 1775)*, CXXVII/1-12, “*Cartas Archeologicas*”, fl. 17  
- *Carta de Diogo de Melo a Frei Manuel do Cenáculo (14 de Março de 1778)*, CXXVII/1-7, Carta 1371  
- *Carta do Abade José Correia da Serra a Frei Manuel do Cenáculo [1779]*, CXXVII/2-3, Carta 2874  
- *Carta de Francisco Martins Sampaio a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro de 1780)*, CXXVII/1-9, Carta 1694  
- *Carta de Jorge Manuel Rey a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Setembro de 1780)*, CXXVII/2-1, Carta 2581  
- *Cartas de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1780)*, CXXVIII/1-4, Docs. n.ºs 16, 18 e 21, pp. 26, 29 e 35  
- *Carta de Francisco Perez Bayer a Frei Manuel do Cenáculo (10 de Julho de 1783)*, CXXVII/1-9, Carta 1775  
- *Carta do Duque de Lafões a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Janeiro de 1786)*, CXXVII/1-7, Carta 1428  
- *Carta de Domingos Vandelli a Frei Manuel do Cenáculo (6 de Maio de 1787)*, CXXVII/1-7, Carta 1414  
- *Carta de Frederic North a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Abril de 1788)*, CXXVII/1-10, Carta 1866  
- *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Julho de 1788)*, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 50, p. 73  
- *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (6 de Março de 1790)*, CXXVII/1-8, Carta 1640  
- *Cartas do Abade Carlos Francisco Garnier a Frei Manuel do Cenáculo (2 de Novembro de 1788; 3 de Maio de 1792)*, CXXVII/1-6 (1), Cartas 1055, 1056  
- [Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, Manisola, Cód. 75, n.º 19  
- *Carta de Frei José de Santo António Moura a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Julho de 1791)*, CXXVII/2-5, Carta 3217  
- *Carta de João José Pinto Vasconcelos a Frei Manuel do Cenáculo (25 de Junho de*

- 1792), CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 6
- *Cartas de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Março de 1794; 14 de Julho de 1795)*, BPE, CXXVII/1-1, Cartas 19, 20
  - *Carta de Manuel de Vilhena Mouzinho a Frei Manuel do Cenáculo (16 de Agosto de 1796)*, CXXVII/2-9, Carta 3821
  - *Cartas de António Ribeiro dos Santos a Frei Manuel do Cenáculo (24 de Maio de 1797; 12 de Janeiro de 1798)*, BPE, CXXVII/1-2, Cartas 366, 367, 371
  - *Carta do Marquês Mordomo-Mor a Frei Manuel do Cenáculo (15 de Julho de 1797)*, BPE, CXXVII/2-10, Carta 3941
  - *Carta do Duque de la Roca a Frei Manuel do Cenáculo (28 de Setembro de 1798)*, CXXVII/1-7, Carta 1439
  - *Cópia do despacho de agradecimento a Cenáculo pela sua doação à Real Biblioteca de Lisboa, em 7 de Março de 1797 de uma grande e preciosa colecção de livros e manuscritos, e um monetário de cobre, prata e ouro de mais de 5 mil medalhas (26 de Dezembro de 1801)*, CXXVII/1-2, Carta 373, Anexo
  - *Carta de José Cornide y Saavedra a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Dezembro de 1800)*, CXXVII/2-3, Carta 2851
  - *Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (5 de Julho de 1803)*, CXXVII/1-8, Carta 1663
  - *Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, CXXIX/1-13
  - *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas*, CXXIX/1-14, "Lapides do Museo Sesinando Cenaculano Pacence"
  - *Frei Manuel do Cenáculo, Santo Sizenando. Beja Sua Patria [desenhos e notas da mão de Cenáculo referentes a escavações realizadas enquanto Bispo de Beja, s/d.]*, BPE, CXXIX/1-10

Notas

do Cenáculo (22 de Março de 1799), 20

do Cenáculo (16 de Agosto de 1799)

Cenáculo (24 de Maio de 1797); 367, 371

Cenáculo (15 de Julho de 1797)

culo (28 de Setembro de 1798)

ua doacção à Real Biblioteca de colecção de livros e manuscritos, medalhas (26 de Dezembro de 1798)

Cenáculo (30 de Dezembro de 1798)

tel do Cenáculo (5 de Julho de 1798)

CXXIX/1-13

Fr. Manuel do Cenaculo Villasculano Pacence"

patria [desenhos e notas da mão do Bispo de Beja, s/d.], BPE.

1 Inocêncio F. da Silva (*Dicionário bibliográfico português*, t. I, 1858, pp. 378-379) diz tratar-se do pseudónimo literário de frei Bernardo de Jesus Maria, franciscano observante e Prior no Alentejo.

2 Referência ao costume de se fundirem as moedas antigas encontradas casualmente e que o Alvará de 1721 expressamente proibia (Cfr. *Alvará em fôrma de Ley* (20 de Agosto de 1721), BPE (Biblioteca Pública de Évora), CXVI/2-20, fls. 161 v.º-164.

3 Não conseguimos reunir informações bem documentadas sobre esta colecção de medalhas do arcebispo de Braga, além das elogiosas referências de um especialista numismata: "Há dias recebi o Indez das Medalhas q. hum Am.º meu tinha dado no espaço de dous annos a S.A. o Serenissimo S.r Arcebispo de Braga, cuja collecção he sem duvida a melhor q. há em Portugal" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo* (Aveiro, 3 de Setembro de 1775), BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 17); " Bem quizera eu ter o gosto de ver a Collecção de V. Ex.ª assim como fui ver a de S. A. o Sr. Arcebispo de Braga, que me mostrou toda pela sua mão, honrando-me com o offerecimento de todas, q. eu não tivesse (...)" (*Carta de João Vidal da Costa e Sousa a Frei Manuel do Cenáculo* (10 de Janeiro de 1782), BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 19).

4 *Carta de Frei Bernardo de Lima e Melo Bacelar a Frei Manuel do Cenáculo* (Valença do Minho, 30 de Julho de 1771), BPE, CXXVII/1-4, Carta 625.

5 "Introduction" a *L' anticomanie. La collection d' antiquités aux XVIIIe et XIXe siècles*, (dir. de Annie-France Laurens e Krzysztof Pomian), Actas do Colóquio internacional, Montpellier-Lattes, 9-12 Junho 1988, Paris, Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1992, p. 11. Da faceta de coleccionador de Cenáculo apenas têm sido publicados estudos parcelares. Faz-se sentir a ausência de um estudo de conjunto que, por um lado, integre e dê unidade a esses contributos e, pelo outro, utilize novos dados ainda por explorar (exigindo colaboração pluridisciplinar) na imensa documentação depositada nos Reservados da Biblioteca Pública de Évora. Alguma aqui deixamos elencada em Anexo, nomeadamente as cartas que - identificadas a partir dos resumos publicados por Armando Nobre de Gusmão - se referem expressamente a actividades coleccionistas (*Catálogo da correspondência dirigida a Fr. Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*, 6 vols., Évora, Publicações da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora, 1944-1956).

6 José V. de Pina Martins, "Apresentação" a Nuno Daupais d'Alcochete, *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com D. Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, Paris, Centro Cultural Português da F.C.G., 1976, p. IX. "Este homem invulgar exerceu, por vezes simultaneamente, as mais variadas actividades como historiador, político, eclesiástico, reformador, pedagogo e filósofo, distinguindo-se como humanista, arqueólogo e bibliófilo, cultivando a Numismática, a Paleografia, o Árabe, o Siríaco, o Aramaico, a Teologia, a Exegese, a Hermenêutica e a Liturgia" (Francisco da Gama Caeiro, *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da sua actuação filosófica*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1959, p. 115).

7 Utilizamos aqui a conceptualização e os seus desenvolvimentos propostos por Krzysztof Pomian, "Les deux pôles de la curiosité antiquaire", in *L'anticomanie...*, *ob. cit.*, pp. 59-68. Não por acaso uma das mais interessantes fontes documentais do labor colecionista de Cenáculo tem por título *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Frei Manuel do Cenaculo Villas-Boas*, BPE, CXXIX/1-14, "Lapides do Museo Sesinand. Cenaculano Pacence". Contudo, como já notara J. Leite de Vasconcelos ("A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do bispo pacense, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas" *Arquivo de Beja*, 1946, vol. III, fasc. I e II, p. 119) nem todas as estampas originais ali se encontram.

8 J. J. Winckelmann, *Historia del arte en la antigüedad*, Barcelona, Editorial Iberia, 1994 e Udo Kultermann, *Historia de la historia del arte. El camino de una ciencia*, Madrid Ediciones Akal, 1996.

9 Curiosa é a notícia transmitida de Londres a Cenáculo, pelo seu sobrinho, a propósito da 'pedra de Roseta': (...) hê a maior novidade literaria do momento que contem as inscriçoes de huma lapide trazida de rozetta pellos Ingleses e de que os Francezes sô tiraraõ copia Sobre ela já publicou Mr. Ameilhon huma Dissertação anunciada no ultimo Correio de Londres, e hê curioza lapide por ser a inscripção concebida na lingua sagrada, e vulgar do Egipcios, com huma versaõ em Grego por onde se exercitarã a sagacidade dos antiquarios para achar a chave da lingua yeroglifica" (*Carta de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (5 de Julho de 1803)*, BPE, CXXVII/1-8, Carta 1663). "O gosto pela colecção de objectos egípcios ou egipcizantes desenvolveu-se no séc. XVIII e ganhou incremento depois da expedição francesa do general Bonaparte ao Egipto (1798-1799) continuando os típicos *gabinetes* dos coleccionadores e dos antiquários a reunir antiguidades egípcias (com muitas falsificações à mistura) ao longo do séc. XIX" (Luís Manuel de Araújo, "O núcleo egípcio da colecção de antiguidades da Biblioteca Nacional", *Leitura: Revista da Biblioteca Nacional*, n.º 2, Primavera de 1998, p. 164).

10 Krzysztof Pomian, *ob. cit.*, 1992, p. 65.

11 Expressão utilizada para caracterizar as colecções de sir Hans Sloane, com as quais o Parlamento britânico instituiu o British Museum (Cfr. Wolfgang Ernst, "La transition de galleries privées au musée public et l'imagination muséale: l'exemple du British Museum" in *L'anticomanie...*, *ob. cit.*, p.157).

12 [Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19. "Ce remarquable document est connu grâce à J. Leite de Vasconcelos [*Discurso de inauguração do Museu de Cenáculo em Beja em 1791*, 1896] qui en a publié quelques extraits (...) Depuis lors, le 'Discours' n'a plus été étudié, ce qui est étonnant, étant donné la rareté des textes et des documents sur l'histoire de la formation de collections et de la muséologie dans le Portugal du XVIIIe siècle. Le fait qu'il se trouvait à l'origine dans la bibliothèque d'un particulier [visconde da Esperança, na Quinta da Manisola], où a pu le lire Leite de Vasconcelos, et que ce fonds n'est entré que tardivement à la bibliothèque publique d'Évora, explique peut-être l'absence presque complète d'allusions à ce texte dans la bibliographie sur l'histoire de la muséologie au Portugal (...) Nous préparons l'édition intégrale annotée de ce très important document." (F. A. de

imentos propostos por Krzyszto  
*L'anticomanie...*, *ob. cit.*, pp. 59  
cumentais do labor coleccionist  
*anas e luso-romanas, etc. de F.*

“Lapides do Museo Sesinand  
de Vasconcelos (“A arqueologi  
manuel do Cenáculo Vilas-Boas”  
todas as estampas originais ali s

Barcelona, Editorial Iberia, 1994  
*camino de una ciencia*, Madrid

pelo seu sobrinho, a propósito d  
mento que contem as inscripcoen  
ue os Francezes sò tiraraõ copia  
anunciada no ultimo Correio d  
da na lingua sagrada, e vulgar do  
tarã a sagacidade dos antiquario  
*cisco José Maria de Brito a Fre*  
(II/1-8, Carta 1663). “O gosto pel  
tveu-se no séc. XVIII e ganhari  
onaparte ao Egipto (1798-1799)  
s antiquários a reunir antiguidade  
do séc. XIX” (Luís Manuel d  
la Biblioteca Nacional”, *Leitura*  
8, p. 164).

; sir Hans Sloane, com as quais  
Wolfgang Ernst, “La transition de  
e: l'exemple du British Museum

*useo dita a 15 de Março de 1791*  
ment est connu grâce à J. Leite d  
*enáculo em Beja em 1791*, 1896  
scours' n'a plus été étudié, ce qu  
uments sur l'histoire de la form  
du XVIIIe siècle. Le fait qu'il s  
visconde da Esperança, na Quint  
e fonds n'est entré que tardiveme  
tre l'absence presque complèt  
re de la muséologie au Portuga  
très important document.” (F. A

Baptista Pereira, “Le rôle de l'Église dans la formation des premiers musées au Portugal à la fin du XVIII siècle”, in *Les musées en Europe à la veille de l'ouverture du Louvre*, Paris, Klincksieck, 1995, Nota n.º 20).

13 “O espírito de Cenáculo actualiza-se com as perspectivas rasgadas da mentalidade europeia dos meados de Setecentos (....) Roma era então, a meio do século XVIII, um centro activo de nova cultura, de intenso frémio intelectual; representava uma das mais acabadas expressões do Iluminismo Católico. A presença do Iluminismo no pensamento de Cenáculo verifica-se sobretudo a partir desta data, pela admissão daquelas grandes coordenadas de cultura, consideradas como as mais ‘esclarecidas’ e ‘ilustradas’ pelos reformadores de Setecentos” (F. Gama Caeiro, *ob. cit.*, 1959, pp. 35, 38)

14 *Memórias históricas e Appêndix*, 1794, vol. 2, p. 200, *apud* F. da Gama Caeiro, *ob. cit.*, 1959, pp. 35-36. Desta viagem existe, do punho de Cenáculo, o *Diario do R. mo P. D. Fr. Joaquim de S. José na jornada q.e fez ao Cap.º G.al de Roma em 1750 (12 de Fevereiro a 19 de Julho de 1750)*, BPE, CV/1-10 d.

15 Jacques Marcadé, *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas évêque de Beja, archevêque d'Evora (1770-1814)*, Paris, Centro Cultural Português, 1978.

16 *Catalogo das medalhas que havia no Museo do Snr. Bispo de Beja em 1772*, BACL (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa), Gab. 5, Est. 8, n.º 54.

17 Cfr. Túlio Espanca, “As antigas colecções de pintura da livreria de D. frei Manuel do Cenáculo e dos extintos conventos de Évora”, *A Cidade de Évora*, nº 17-18, 1949, pp. 443-498; *Idem*, “Espólio artístico de Cenáculo”, *A Cidade de Évora*, nº 37-38, 1955-1956; e José Alberto Machado, *Um coleccionador português do século das luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*, Universidade de Évora, Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica (Texto policopiado), 1985.

18 *Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Julho de 1788)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 50, p. 73.

19 A abundante correspondência entre ambos encontra-se apresentada e publicada por Nuno Daupias D'Alcochete, *Humanismo e diplomacia. Correspondência literária de Francisco José Maria de Brito com D. Frei Manuel do Cenáculo (1789-1804)*, 1976. As cartas que se encontram na BPE e que respeitam ao coleccionismo, nomeadamente as que relatam as visitas de Brito ao British Museum e a outras colecções europeias encontram-se identificadas *infra* Anexo.

20 Cfr. *Livro De Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Muséo, e Casa do Risco (1796)*, MCUL (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa), Inv. N.º 55.

21 Cfr. *Carta do Barão de Hupsch a Frei Manuel do Cenáculo (17 de Julho de 1771)*, BPE, CXXVII/1-4, Carta 566; e *Carta de Frederic North a Frei Manuel do Cenáculo (1 de Abril de 1788)*, BPE, CXXVII/1-10, Carta 1866. North era também correspondente de

Domingos Vandelli, nomeadamente em matérias botânicas.

22 “(...) me animo a hir à prez.<sup>a</sup> de V. Ex.<sup>a</sup> ao fim de apresentar nella o Portador desta Carta Sr. D.tor Abilgaard medico Dinamarq.s e meu particular Am.<sup>o</sup> He este sug.to tão erudito em todas as Sciencias Naturais cuja paixão he o objecto da sua actual viagem; e he por todas as demais qualid.s tão digno da estimação de todos os q. o conhecem q. espero V. Ex.<sup>a</sup> me desculpe tão bem por esse lado, antes approve, a libar.de q. eu tenho em lho apresentar” (*Carta de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (22 de Março de 1794)*, BPE, CXXVII/1-1, Carta 19).

23 *Carta de Alexandre de Sousa Holstein a Frei Manuel do Cenáculo (14 de Julho de 1795)*, BPE, CXXVII/1-1, Carta 20. Vide Abildgaard, “Lettre d’un naturaliste danois en passage à Lisbonne au siècle dernier”, in *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, t. III, fasc. I, 1895-96, pp. 27-128.

24 “Elle por ora esta de assistencia neste Conv.to de cama e meza; porem não tem experimentado aquelle agazalho que recebera de V. Ex.<sup>a</sup> em outro tempo, e não sessa de lamentar a auzencia de V. Ex.<sup>a</sup>” (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (28 de Novembro de 1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 35).

25 *Idem, ibidem*. Sabemos que também tentou, aparentemente sem sucesso, vender a colecção mineralógica ao rei “para se repartirem pelo Muzêo da Universidade, e Academia das Sciencias” (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (s/d)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 16, p. 26). Mas, por outro lado, comprova-se que as colecções do convento de Jesus foram enriquecidas com alguns destes objectos: “O P.e G.al depois de lhe escolher 260 peças de Mineræes entre grandes e pequenas, quinze caixas p.<sup>a</sup> tabaco de pedras excellentes, hum Saquinho de Medalhas, e outra pedras Lapidadas grandes, e pequenas, e fazendo o homem a Sua conta pelo groço montava perto de 80 moedas lhe deu doze moedas, dizendo-lhe que recebe aquillo por ora, e que o depois fallarião” (*Carta de Frei João de Sousa a Frei Manuel do Cenáculo (12 de Novembro de 1780)*, BPE, CXXVIII/1-4, Doc. n.º 18, p. 29).

26 *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa, Tipographia da Academia, 1871.

27 Abordando esta temática, existe um manuscrito intitulado *Livro das Antiguidades da cidade de Beja, e de outras particulares dependentes dellas*, composto por Vasco Freire em data compreendida entre 1612 e 1621 e depositado nos Reservados da Biblioteca Nacional, Cod. 885.

28 Depositado nos Reservados da BPE, com a cota CXXIX/1-10 e transcrito na íntegra por Manuel Joaquim Delgado, “Sisenando Mártir e Beja sua Pátria”, *Arquivo de Beja*, vol. III, 1946; vol. IV, 1947; vol. V, 1948; vol. VI, 1949. Também fazem parte deste acervo dois albuns de consulta obrigatória: *Inscrições do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, CXXIX/1-13; e *Album de antiguidades lusitanas e luso-romanas, etc. de Fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas*, CXXIX/1-14, “Lapides do Museo Sisinando Cenaculano Pacence”. “Cenáculo tinha (...) reunido no palácio episcopal de Beja uma colecção de perto de cento e sessenta lápides de toda a sorte, incluindo alguns fragmentos de escultura e de arquitectura.

assim como uma série de inscrições da Idade Média e Modernas. Na Biblioteca Pública por ele fundada e doada à cidade de Évora existem, (...) com o título de *Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, desenhos exactos de todas as ditas inscrições, feitos, ao que parece, por Felix Caetano da Silva, e acompanhados das absurdas explicações de José Lourenço do Vale, antigo monge de Cister” (E. Hubner, *ob. cit.*, 1871, pp. 37-38).

**29** *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional, 1891, pp. 195-210. Vide também A. Filipe Simões, *Introduccção á Archeologia da Peninsula Iberica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1878, pp. 5, 119, 162; Gabriel Pereira, *Notas d'Arqueologia*, Évora, Typ. Da Francisco da Cunha Bravo, 1879, pp. 8-13, e o texto de J. Leite de Vasconcelos, (editado no *Archeologo Português* e republicado no *Arquivo de Beja* por Abel Viana, em 1946) *A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do bispo pacense, D. frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas*.

**30** Lisboa, Regia Officina Typografica, 1786, pp. 129-130.

**31** *Collecção das antiguidades de Evora escriptas por Andre de Rezende, Diogo Mendes de Vasconcellos, Gaspar Estaço, Frei Bernardo de Brito e Manoel Severim de Faria*, Lisboa, Officina de Filippe da Silva e Azev., 1785, p. 100.

**32** “Diario das primeiras viagens que fez pelas terras de Portugal. 1782”, *O Archeologo Português*, vol. XXIV, 1920, pp. 123-127.

**33** *Travels in Portugal; through The Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem - Tejo, in the years 1789 and 1790. Consisting of observations on the manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities, etc, of that Kingdom*, Londres, A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795, pp. 297-302. “O célebre escritor irlandês James Murphy está actualmente em Lisboa. Não há muito tempo ainda que travei relações com ele numa casa de pasto onde costumio ir jantar. É homem de cerca de 40 anos, ao que parece, e de maneiras naturais, alegre, polido e amável” (C. I. Ruders, *Viagem em Portugal (1798-1802)*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, pp. 174-175).

**34** *Cartas de Francisco José Maria de Brito a Frei Manuel do Cenáculo (19 de Setembro e 23 de Novembro de 1797)*, CXXVII/1-8, Cartas 1648, 1649).

**35** *Carta de José Cornide y Saavedra a Frei Manuel do Cenáculo (30 de Dezembro de 1800)*, BPE, CXXVII/2-3, Carta 2851.

**36** Baltazar da Silva Lisboa, *Discurso historico, politico, e economico dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil*, Lisboa, Officina de Antonio Gomes., 1786, p. 17; e José Leite de Vasconcelos, “Da numismática em Portugal”, *Arquivo da Universidade de Lisboa*, vol. IX, 1923, pp. 115-119.

**37** A. Filipe Simões, “O museu do bispo de Beja”, *Archivo Pittoresco*, vol. XI, 1868, pp. 76-78, 108; 168; 237-238; 404, 1868; e E. Hubner, *ob. cit.*, 1871, pp. 37-38.

38 [Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19.

39 Foi Secretário do governo de Angola e cônsul na Dinamarca (Cfr. Inocêncio F. da Silva, *ob. cit.*, t. III, 1859, pp. 393-394).

40 *Carta de João José Pinto Vasconcelos a Frei Manuel do Cenáculo (25 de Junho de 1792)*, BPE, CXXVII/1-12, "Cartas Archeologicas", fl. 6.

41 *Carta de Manuel de Vilhena Mouzinho a Frei Manuel do Cenáculo (16 de Agosto de 1796)*, BPE, CXXVII/2-9, Carta 3821.

42 "Malheureusement, le musée Sesinando pacense ne survécut pas au départ de son fondateur, bien que quelques tableaux et une partie de la collection lapidaire se trouvent aujourd'hui au musée régional de Beja" (F. A. Baptista Pereira, *ob. cit.*, 1995).

43 "Eu busco desde os primeiros dias do mundo hum homem que em Portugal offrecesse hum publico Museo: busco-o entre os Monarcas, entre os Prelados, entre os Nobres e ricos. Porem inutilmente o busco. O Ex.mo Snr. Bispo de Beja he o primeiro q. e o conhece, e o primeiro que o faz conhecer" ([Frei José de São Lourenço do Valle], *Oração do Museo dita a 15 de Março de 1791*, BPE, Manisola, Cód. 75, n.º 19).

44 Donde, ser difficil aceitar em toda a sua extensão a parte do elogio, na Academia das Ciências, que assegura que: "Com que outro fim trabalhou o Sr. Bispo de Beja por desentranhar da terra um grande número de lápides, cipos, sarcófagos, lanternas sepulcrais, e outros monumentos da antiguidade, entre eles uma elegante estátua de Cibeles, senão para enriquecer em beneficio público o Museu da sua Igreja, e para ilustrar a antiga história do território a que presidia?" (F. M. Trigo de Aragão Morato, "Elogio historico do excellentissimo e reverendissimo D. Frei Manoel do Cenáculo", in *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1815, t. IV, Parte I, 1815, pp. XCIV-XCVII).

45 Cfr. Gabriel Pereira, *Bibliotheca Publica*, Évora, Minerva Eborensis, 1886 [in *Estudos Eborenses. História e Arqueologia*, 1º vol., Évora, Edições Nazareth, 1947, pp. 107-141]; e Túlio Espanca, "O antigo paço arquiiepiscopal de Évora", *A Cidade de Évora*, n.º 25-26, 1951.

46 "7 de Dezembro de 1804. Fui levar o painel do Senhor entre os doutores no templo e colocá-lo na frontaria da Biblioteca. Por ser o orago da casa e museu, e festejei assim o aniversário da minha saída de Lisboa. (...) 6 de Março de 1805, meu aniversário, se abriram na livraria os primeiros caixotes de livros" (Frei M. do Cenáculo, *Diario*, apud G. Pereira, *Biblioteca Pública*, 1947 [1886], p. 113).

47 *Ob. cit.*, 1815, pp. XCIV-XCVII.

48 "Fiquei sem (...) todo o copioso Monetario que a tanto custo tinha juntado, para deixar juntamente com a grande Livraria que tenho edificado (...), tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos em pedaços os manuscritos, quebrando as mais pequenas e delicadas peças do museu natural e artificial, unicamente

... dita a 15 de Março de 1791, para levarem alguns pequenos remates de prata e oiro, fazendo em pedaços imagens de Cristo e Santos, enfim, reduzindo tudo a um estado de fazer lástima ainda a quem não é curioso” (Frei Manuel do Cenáculo, *Memoria descritiva do assalto, entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808*, Évora, Minerva Eborense, 1887, p. 15). Sobre os acontecimentos relacionados com a presença francesa na cidade, veja-se (apesar de testemunho inflamado e pouco isento) José Joaquim da Silva, *Evora Lastimosa pela Deploravel catastrophe do Fatal Triduio de 29, 30 e 31 de Julho de 1808*.

... lo Cenáculo (16 de Agosto de 1947, p. 121)

... arvécut pas au départ de son collection lapidaire se trouvent ira, *ob. cit.*, 1995).

... m que em Portugal offrecesse s Prelados, entre os Nobres e de Beja he o primeiro q. e o Lourenço do Valle], *Oração* d. 75, n.º 19).

... e do elogio, na Academia das hou o Sr. Bispo de Beja por urcófagos, lanternas sepulcrais, ante estátua de Cibeles, senão , e para ilustrar a antiga história Morato, “Elogio historico do culo”, in *Historia e memorias* rte I, 1815, pp. XCIV-XCVII).

... va Eborense, 1886 [in *Estudos Nazareth*, 1947, pp. 107-141]; , *A Cidade de Évora*, n.º 25-26,

... entre os doutores no templo e .sa e museu, e festegei assim o 05, meu aniversário, se abriram áculo, *Diario*, apud G. Pereira,

... custo tinha juntado, para deixar .), tudo quanto era ouro e prata ; em pedaços os manuscritos, natural e artificial, unicamente